

Senhora Vereadora da Câmara Municipal de Abrantes,

Dra. Celeste Simão

Senhor Presidente do Núcleo de Abrantes da Liga dos Combatentes,

TCor António Hilário

Senhor Comandante do Regimento de Apoio Militar de Emergência,

Cor Mário Álvares

Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Abrantes,

Eng Alberto Margarido

Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sardoal,

TCor Jorge Gaspar

Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Mação,

Eng António Louro

Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes Torres Novas, Eng Paulo Pereira, de Entroncamento e Vila Nova da Barquinha, SCh Luis Moita e de Tomar, SMor Carlos Neves.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

COMBATENTES

É para mim uma honra estar hoje entre vós, representando o Tenente-General Joaquim Chito Rodrigues, Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes. Em seu nome vos cumprimento e saúdo.

A ausência do Presidente da Liga deve-se ao facto de se encontrar nos Estados Unidos da América em visita ao Núcleo da Califórnia e em inauguração de Monumento aos Combatentes.

Encontramo-nos hoje aqui para assinalar nonagésimo sexto aniversário do Núcleo de Abrantes da Liga dos Combatentes.

Noventa e seis anos de existência constitui um êxito em qualquer organização!

São poucas as que conseguem atingir semelhante perpetuidade e servir várias gerações. Esta idade apenas está ao alcance das organizações que têm

propósitos bem fortes, bem escorados, gente dedicada, líderes competentes, bem como, o apoio fundamental das instituições locais.

Assim os parabéns, que hoje desejamos, são extensíveis às instituições locais que apoiam o Núcleo da Liga dos Combatentes de Abrantes!

O Núcleo de Abrantes é um dos muitos ramos da Liga dos Combatentes, cuja árvore foi plantada em Abril de 1921, quando os membros da sua Comissão Organizadora decidiram agir como consequência das injustiças feitas aos que combateram na Grande Guerra, especialmente aos mutilados, estropiados, gaseados e doentes.

Na altura, os membros da Comissão Organizadora foram, também, sensíveis ao desprezo a que os combatentes eram votados, pelos Poderes Constituídos, os quais esqueciam as justas reclamações de muitos que, após haverem cumprido o seu dever, conforme o juramento que antes tinham feito de darem o seu sangue pela Pátria, se viam abandonados e na miséria, com grave risco para as suas vidas pessoais e também para o patriotismo, disciplina e moral do povo português.

Estas foram as origens comuns ao Núcleo da Abrantes e a muitos outros Núcleos que surgiram após a Grande Guerra de 1914 -1918.

Os que participaram, cumprindo o seu dever, na Grande Guerra de 1914-1918, em França, em Angola e em Moçambique já partiram. Resta-nos, em relação a eles, homenagear a sua conduta como cidadãos, receber e honrar o seu legado, que está atualmente com os Combatentes da Guerra do Ultramar e num futuro com os Combatentes das Operações de Apoio à Paz.

Em relação aos Combatentes da Guerra do Ultramar cumpre à Liga dos Combatentes e em particular ao Núcleo de Abrantes, prosseguir o percurso estatutário, desenvolvendo atividades solidárias, de apoio social, de apoio à saúde e homenageando, ciclicamente, com respeito e afeto, aqueles que tombaram no cumprimento do dever, os que regressaram e já partiram e os que estão entre nós.

Em relação à Guerra do Ultramar e aos seus combatentes, quero deixar um desafio aos responsáveis municipais de Abrantes, assim como ao Núcleo de Abrantes da Liga dos Combatentes.

Esta cidade e município não tem, ainda, um monumento de reconhecimento aos Abrantinos que com honra, coragem, espírito de sacrifício e sentido do dever disseram SIM quando a Pátria os chamou.

Centenas de outras localidades e municípios já ergueram monumentos que perpetuarão o respeito e admiração das gerações de hoje e futuras para com aqueles que se bateram ou deram a vida pela Pátria na Guerra do Ultramar.

Abrantes precisa de um local onde se evoquem os 36 abrantinos que morreram ou desapareceram a lutar pela Nação.

Abrantes precisa de um local que homenageie o esforço de centenas ou milhares de abrantinos que se sacrificaram em situações hostis, durante períodos prolongados, longe das suas famílias e amigos e em situações climatéricas e ambientais adversas e perante um inimigo sem frentes definidas.

Os abrantinos mobilizados para África nos anos 60 e 70 do século passado também foram combatentes. Experimentaram a guerra, sofreram como se sofre na guerra, tiveram momentos de ânimo, desânimo e alegrias vividas em terras ultramarinas, percorrendo matas e savanas em Angola e Moçambique, abrindo picadas ou atolando-se no tarrafo da Guiné, respirando o pó, aguentando o paludismo e arriscando a vida.

Quando regressaram, regressavam simplesmente do cumprimento do serviço militar, como era de tradição. O seu esforço não foi valorizado, havendo até períodos em que, verdadeiramente, parecia inconveniente. Felizmente esses sentimentos da sociedade tendem a desvanecer-se e é altura de assumir a história e lembrar que Portugal existe porque ao longo das gerações houve sempre portugueses que fizeram o que fizeram os Combatentes do Ultramar: disseram presente!

Abrantes carece de um lugar que lembre um período da História recente de Portugal, onde os Combatentes do Ultramar, sem qualquer vergonha, possam levar seus filhos e netos e explicar-lhes qual foi a missão que a Pátria lhes confiou.

Sei que existe um Memorial junto ao Monumento da I Grande Guerra, que evoca aqueles que morreram em defesa da Pátria, na Guerra do Ultramar.

Mas, estes dois factos infelizes e não desejados pelos participantes, a I Guerra Mundial e a Guerra do Ultramar, foram acontecimentos muito diferentes, desfasados no tempo meio século, com protagonistas, tecnologias, realidades muito distintas.

É altura, na minha opinião, de homenagear através de um monumento com grandiosidade, simbolismo próprio e relativo à Guerra do Ultramar, os abrantinos que disseram presente à chamada da Pátria, nos anos sessenta e setenta do século XX.

Vinte e dois anos depois de terminada a Grande Guerra, Abrantes inaugurou um grande e belo monumento em homenagem aos que nela caíram.

Passaram 45 anos sobre o fim da Guerra do Ultramar e, apesar de as homenagens não se fazerem a metro, os combatentes do Ultramar não têm tratamento equivalente.

Como abrantino, gostaria e teria muito orgulho que a minha cidade tivesse um monumento que homenageasse todos os concidadãos abrantinos que participaram no esforço da Guerra do Ultramar. Não apenas aqueles que infelizmente morreram, mas todos, incluindo uma referência às famílias que ficavam na Metrópole a lutar com a ausência dos seus jovens filhos, dos seus pais e dos seus maridos.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Parabéns ao Núcleo de Abrantes da Liga dos Combatentes!

Viva o Núcleo de Abrantes!

Vivam os Combatentes, suas esposas e restante família!

Bem Hajam!

Abrantes, 29 de Setembro de 2019